

PRÁTICA PROFISSIONAL E INSERÇÃO COMUNITÁRIA II - DEBATE SOBRE O RACISMO

Ana Luísa F. Brugnerotto¹

Álvaro Cielo Mahl²

Chancarlyne Vivian³

Resumo

Este estudo discute sobre o racismo como um sistema histórico e institucional que organiza desigualdades e legitima violências no Brasil. O objetivo é analisar como o tema se manifesta nas práticas sociais e institucionais, relacionando-o às discussões realizadas durante a atividade acadêmica. A metodologia consistiu na apresentação de um vídeo sobre racismo, seguida de um debate coletivo com participação da turma. Os resultados indicaram que o tema mobilizou diferentes relatos pessoais, ampliou a compreensão dos estudantes sobre como a desigualdade racial se reproduz e evidenciou a urgência de discutir o papel das instituições na produção da violência.

Palavras-chave: Racismo estrutural; Violência racial; Branquitude; Desigualdade social.

Introdução

O racismo, enquanto estrutura histórica e dinâmica, permanece como uma das feridas sociais mais profundas do Brasil. Diferente de atitudes isoladas, ele opera como um sistema de poder que produz vantagens, restringe

oportunidades e define quem pode exercer plenamente seus direitos. Essa lógica atravessa a história do país desde o período colonial, sustentando desigualdades que ainda moldam instituições, práticas culturais e relações cotidianas.

A discussão se torna ainda mais urgente quando observamos que, apesar dos avanços legais, situações de discriminação e violência continuam sendo naturalizadas. No debate em sala, surgiram reflexões e relatos que evidenciaram o quanto o racismo ainda está presente na vida de várias pessoas, reforçando a frase discutida na atividade: “enquanto o racismo for motivo de piada, a igualdade será apenas discurso”. A apresentação do vídeo, foi elogiada pelas professoras Chancarlyne e Elaine, que comentaram como um recurso audiovisual permite uma visualização ampla de casos e situações cotidianas no nosso país.

Inserir tais reflexões no contexto acadêmico é fundamental, pois compreender o racismo não é apenas uma tarefa teórica, mas um compromisso ético com a construção de uma sociedade mais justa. O objetivo deste resumo expandido é, portanto, aprofundar as discussões iniciadas em sala, relacionando conceitos estudados com as percepções e debates ocorridos durante a atividade.

Assim, esta discussão sobre racismo busca mostrar que compreender o fenômeno não é apenas um exercício intelectual, mas um compromisso ético com a construção de uma sociedade verdadeiramente justa. O racismo não é um problema individual, mas estrutural; não é um desvio moral, mas sim, uma lógica que organiza relações de poder no país. Compreender suas dimensões, impactos e desdobramentos é um passo essencial para enfrentá-lo de forma efetiva, crítica e transformadora.

Desenvolvimento

A partir desse contexto, a atividade foi construída com a intenção de promover uma sensibilização coletiva sobre a permanência do racismo nas estruturas sociais brasileiras. A escolha do tema se intensificou pelo fato da apresentação ocorrer próxima ao Dia da Consciência Negra (20 de

novembro), o que trouxe ainda mais significado ao debate. Para isso, o grupo elaborou um vídeo de cinco minutos, composto por reportagens, depoimentos e trechos de diferentes materiais que expõem múltiplas perspectivas sobre a discriminação racial e a violência dirigida a corpos negros, como a violência policial e da sociedade em geral.

A proposta central foi instigar os participantes (colegas e professores) a refletirem de maneira crítica sobre como essas dinâmicas atravessam o cotidiano e de que forma cada indivíduo, dentro de seu contexto social, pode contribuir para o enfrentamento dessas desigualdades.

A apresentação do trabalho foi feita com o auxílio da professora Elaine, do curso de psicologia. Ela auxiliou contando suas experiências de vida, como isso a impactou e como foi lidar com elas, enriquecendo o debate e deixando uma mensagem de como, infelizmente, o racismo está inserido fortemente em nossa sociedade. Outros colegas citaram alguns acontecimentos de suas vidas também, e se tivéssemos mais tempo, com certeza o debate teria levado mais horas, pois foi palco para os que estavam assistindo contarem como foi para eles lidar com essas situações também.

Um dos pontos teóricos utilizados para este resumo, foi o artigo "Corpos Aletúrgicos" de Galeano e Guareschi (2024), que discute como práticas de segurança pública se organizam por um regime de verdade que legitima a violência contra populações racializadas. As autoras analisam a construção da branquitude como posição de privilégio e proteção, enquanto determinados grupos (sobretudo jovens negros) são marcados simbolicamente como ameaça.

A noção de "corpos aletúrgicos", evidencia que algumas vidas são tratadas como descartáveis, pois sua morte é naturalizada e entendida como parte do funcionamento da ordem social. Em vez de ser vista como violência, essa eliminação é apresentada como defesa do bem-estar coletivo, revelando uma engrenagem de poder que opera seletivamente sobre determinados corpos.

Outro importante ponto de apoio da pesquisa, foi sobre a violência estatal e racializada no Brasil. Segundo dados divulgados em 2024 pelo Brazilian

Public Security Forum (Fórum Brasileiro de Segurança Pública), houve um aumento de 188,9% nos homicídios cometidos por policiais entre 2013 e 2023. Em 2023, foram registradas 6.393 mortes em intervenções policiais, sendo a maioria das vítimas jovens e negros.

Considerações Finais

As discussões apresentadas reforçam que o racismo no Brasil é estrutural, histórico e sustentado por relações de poder que produzem desigualdades profundas. A análise de Galeano e Guareschi evidencia como a branquitude legitima violências e define quais vidas são protegidas ou consideradas “matáveis”, demonstrando que a discriminação racial não opera apenas em atitudes individuais, mas atravessa instituições, discursos e práticas cotidianas que naturalizam hierarquias raciais e limitam o acesso à cidadania plena.

Os relatos e reflexões surgidos em sala revelam que o tema permanece vivo na experiência de muitas pessoas, mostrando que o racismo não é um fenômeno distante ou abstrato, mas uma realidade que impacta trajetórias, subjetividades e oportunidades. Isso reforça a importância de espaços de diálogo, formação crítica e escuta sensível, capazes de promover consciência sobre privilégios, desigualdades e mecanismos de exclusão que muitas vezes passam despercebidos no cotidiano.

Diante desse cenário, enfrentar o racismo exige um compromisso coletivo, ético e político com a transformação das estruturas que o mantêm. Implica repensar práticas institucionais, promover políticas públicas efetivas, fortalecer movimentos sociais e incentivar processos educativos que questionem a lógica racializada que organiza a sociedade brasileira.

Assim, somente por meio de ações concretas, contínuas e comprometidas com a justiça social é possível avançar na construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária, plural e democrática, onde todas as vidas sejam reconhecidas em sua dignidade e valor.

Referências

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

GALEANO, Giovana Barbieri; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Corpos Aletúrgicos: a vontade de matar como regime de verdade das práticas de segurança. *Psicologia & Sociedade*, v. 36, 2024. Disponível em: [<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2024v36274374>]. Acesso em: [03/12/2025].

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da Crueldade: Racismo e Extermínio da Juventude Negra. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: [<https://doi.org/10.1590/0102-4698197406>]. Acesso em: [03/12/2025].

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). Atlas da Violência 2023. Brasília: IPEA/FBSP, 2023.

Email: analuisafloss@gmail.com

chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br

alvaro.mahl@unoesc.edu.br